

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO
ESPECIALIZAÇÃO EM PEDAGOGIA DA ARTE

Elisa Riffel Pacheco

**PROJETO DRAMATIZANDO NOSSA ARTE:
RESGATANDO O SENTIDO DA ARTE TEATRAL EM UMA COMUNIDADE
ESCOLAR DA CIDADE DE PORTO ALEGRE**

Porto Alegre
2011

Elisa Riffel Pacheco

**PROJETO DRAMATIZANDO NOSSA ARTE:
RESGATANDO O SENTIDO DA ARTE TEATRAL EM UMA COMUNIDADE
ESCOLAR DA CIDADE DE PORTO ALEGRE**

Trabalho de Conclusão de Curso de Especialização em Pedagogia da Arte, do Programa de Pós-Graduação em Educação da Faculdade de Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

Orientador (a):
Profa. Ana Cecília de Carvalho Reckziegel

Porto Alegre
2011

Dedico este trabalho a todos aqueles, que assim como eu nunca desistem de sonhar, pois, é sonhando que chegamos a algum lugar.

Ao concluir este trabalho, quero agradecer...

- ... A oportunidade de poder realizar mais um curso de especialização;
- ... O apoio e a consideração de todos os meus amigos e familiares;
- ... A minha mãe por acreditar e investir nos meus estudos e sonhos;
- ... Ao corpo docente do curso de especialização que me inspiraram idéias, conhecimento e reflexão para constituir a minha pedagogia da arte...

“As maiores obras foram realizadas por pessoas que de alguma forma conservaram sua capacidade de sonhar grandes sonhos”.
Walter R. Bowie

“A suprema arte do professor é despertar o entusiasmo em relação ao conhecimento e à expressão criativa”.
Albert Einstein

Resumo

A presente monografia constitui-se em uma pesquisa que tem como tema as linguagens artísticas na formação humana. Pensa-se que a arte integra o conhecimento, bem como qualifica o pensamento, através da abordagem estética, da prática do belo, do sensível. Neste contexto, pergunta-se, como a arte interfere na construção do saber para uma aprendizagem reflexiva? Com relação a esta análise, foca-se o teatro, a dinâmica do jogo dramático e teatral na constituição do sujeito. Atualmente, percebe-se que a escola não consegue preencher as lacunas advindas da sociedade contemporânea. Cada vez mais, as crianças nos “brindam” com conceitos, informações, que estão além dos conteúdos formais. Como trabalhar com estas questões? Será que não é necessário jogar mais, brincar mais, experimentar mais o potencial criativo dos alunos? Como a arte incentiva, estimula, provoca o ser humano? Para responder a estas inquietações, tentou-se resgatar os sentidos que foram inseridos em um projeto que vinculava a arte à educação, a estética à criação, a inteligência à emoção, o jogo, o drama à atuação e à reflexão. Este projeto denominava-se Dramatizando Nossa Arte e tinha como objetivo qualificar e desenvolver a criatividade dos alunos a partir da vivência com a linguagem dramática e teatral. Portanto, esta monografia tem como finalidade averiguar se esta experiência repercutiu na formação das crianças e jovens que fizeram parte desta proposta. Considerando também, os reflexos e significados que foram instaurados junto ao corpo docente e espaço escolar. Por isso, através da execução de oficinas, entrevistas semi-estruturadas e diário de campo buscou-se resgatar a memória, a relevância desta prática.

Palavras-Chave: Aprendizagem. Sujeito. Teatro. Memória. Reflexão.

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO.....	8
1 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS E PROBLEMATIZAÇÃO.....	10
1.1 DA POSIÇÃO DO PROBLEMA.....	13
1.2 DA ABORDAGEM METODOLÓGICA.....	15
2 PROJETO DRAMATIZANDO NOSSA ARTE.....	16
3 ESCAVANDO OS SENTIDOS: ANÁLISE DOS DADOS.....	19
3.1 COMPREENDENDO O DIÁRIO DE CAMPO.....	19
3.2 COMPREENDENDO AS ENTREVISTAS.....	20
3.2.1 Recapitulando memórias, episódios e lembranças.....	20
3.2.2 Escavando marcas, sentidos e significados.....	22
3.2.3 A relevância do fazer teatral.....	22
3.2.4 Para onde o teatro nos movimenta?.....	23
3.3 COMPREENDENDO AS OFICINAS: O CORPO QUE ENCENA E BRINCA.....	25
3.3.1 Relatando o primeiro encontro.....	26
3.3.2 Relatando o segundo encontro.....	27
3.3.3 Relatando o terceiro encontro.....	27
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	32
REFERÊNCIAS.....	36
ANEXOS.....	38

APRESENTAÇÃO

Assim, tão importante quanto dar mais recursos aos professores e às escolas é reforçar o estudo das artes, da literatura, das mídias, do cinema, e da poesia não como objetos apenas formais e científicos, mas como práticas de vida, como processos criadores, como linguagens e passaportes necessários para a inserção social na sociedade contemporânea. (FANTIN, 2008, p.63).

Pensa-se que, a arte sensibiliza, cria oportunidades para o sujeito reconhecer suas capacidades, seu saber. É através da arte, da alegria, da fantasia, que a realidade se transcende que o sujeito opera e constrói uma nova via um novo ritmo capaz de transformar sua forma de interagir e de pensar.

Observa-se que, quando se vai assistir a uma peça teatral, uma “comédia”, por exemplo, o público “entrega-se” ao riso. Ora, no caso de uma “tragédia”, o público elabora reflexões, pensamentos condizentes com sua realidade, seu cotidiano. São sentimentos, emoções, comportamentos, que interagem com o espetáculo teatral. A platéia cria um vínculo de identificação, através da energia, das sensações, que se permeiam através da arte. Considero que isso ocorre porque as linguagens artísticas despertam o olhar do ser humano para o belo, para o sensível, para a apreciação e reflexão estética.

Como Psicopedagoga, bem como professora de teatro, meu objeto de pesquisa direciona-se ao jogo dramático e teatral. Por quê?

Primeiramente, que ambos estão relacionados ao brincar, jogar, ambos fundamentais no desenvolvimento infantil e na formação da personalidade. Posteriormente, porque é importante para o jovem, ou criança um espaço para experimentar, por em cena seu imaginário, seu conteúdo criativo, sua arte.

Todavia, muitas vezes, a escola acaba por priorizar conteúdos que se afastam da realidade da criança, valorizando apenas os resultados, ou seja, o que se “deve” aprender. Com isso, o sujeito passa a “esquecer” as suas próprias faculdades, detendo-se somente nas verdades reproduzidas que lhe são impostas. Diante desse contexto, eu pergunto: e a arte, onde fica? Em minha opinião, permanece limitada, desapreciada, escondida.

Para abordar estes questionamentos, busquei subsídios em fundamentos teóricos, bem como nas entrevistas, diário de campo, oficinas que foram realizadas em uma escola da Rede Particular de Ensino da Cidade de Porto Alegre. Nesta Instituição foi elaborado um projeto, denominado “Dramatizando Nossa Arte”, que tinha por objetivo disponibilizar um espaço escolar, onde as crianças pudessem ter a oportunidade de experienciar suas habilidades artísticas, bem como seu potencial criativo através do teatro, jogos teatrais, jogos dramáticos.

A finalidade desta pesquisa foi procurar escavar a memória, os sentidos, os reflexos do trabalho realizado com os jogos teatrais, assim como sua influência na formação do sujeito.

Sua constituição visa responder ao desafio da educação contemporânea de inserir em seu meio linguagens múltiplas como mediações para a criação, para a formação de autores, de críticos, de sujeitos. Seu pressuposto é de que as artes, ao alcance de todos, propiciam condições para um olhar que vê mais do que se suponha ser visível, o que pode contribuir na construção de sensibilidades mais enriquecidas; na formação de pessoas, por que não dizer, mais inteiras, uma vez que mais inteiradas do que há no mundo e de suas possibilidades. (MOREIRA, 2008, p.8).

Acredito que a arte possibilita ao sujeito uma experiência, uma construção de um novo olhar sobre si, que enriquece a sensibilidade. É nessa perspectiva, que se encaixa a minha pesquisa, que tem como foco verificar se a dinâmica do jogo dramático e teatral refletiu de alguma forma na formação dos sujeitos que participaram do projeto Dramatizando Nossa Arte.

1 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS E PROBLEMATIZAÇÃO

Com relação à pesquisa, pude constatar no ano de 2006, que as linguagens expressivas referentes ao teatro - jogo dramático e teatral - enriquecem o objeto de aprendizagem, na medida em que as crianças passam a vivenciar seu potencial criativo. A experiência possibilita a elas gerenciar com espontaneidade uma nova forma de olhar a realidade, constituir um novo posicionamento sobre si mesmo, o que pode modificar a conjuntura do sujeito em seu aspecto pessoal e escolar. Assim, pode-se considerar que é através da arte que o sujeito desenvolve sua sensibilidade, bem como sua concepção estética, enriquecendo sua criatividade e inteligência emocional.

A ciência é um meio indispensável para que os sonhos sejam realizados. Sem a ciência não se pode nem plantar, nem cuidar do jardim. Mas há algo que a ciência não pode fazer. Ela não é capaz de fazer os homens desejarem plantar jardins. Ela não tem o poder de fazer sonhar. Não tem, portanto, poder de criar um povo. Porque o desejo não é engravidado pela verdade. A verdade não tem o poder de gerar sonhos. É a beleza que engravida o desejo. São os sonhos de beleza que têm o poder de transformar indivíduos isolados num povo. (ALVES 2004, p.26).

Situando minha pesquisa com relação ao “Projeto Dramatizando Nossa Arte” pude perceber que no ano de 2006, tanto as crianças, como os adolescentes vivenciaram um processo de apreciação estética, o que as fez pensar, refletir sobre seu “eu” interior. Como assim? A possibilidade de por em cena novas idéias e experimentações, por intermédio dos jogos teatrais, permitiu aos alunos repensarem suas representações em seu contexto escolar, social e pessoal. A sensibilidade estética proporcionada a partir do fazer teatral viabilizou uma provocação interna, o despertar de uma nova visão para compreender a si mesmo, como também o mundo, a realidade que o cerca.

Devido a isso, como já foi explicitado anteriormente, passou a se constituir uma aprendizagem reflexiva, repleta de sentidos e significados. O ato de aprender estendeu seus limites para o pensar, agir e criar, pois as crianças, além de estarem desenvolvendo seu potencial criativo, sua autonomia e espontaneidade, também passaram a adquirir um novo olhar sobre seu pensamento, sua ação e sua intelectualidade. Nessa perspectiva, a realidade foi transformada, reinventada em presença do novo contexto lúdico e artístico, dinâmico e integrador. Essa narrativa – a realidade reinventada – é intensifica para centralizar o papel da arte, da estética, e da criação na educação.

Cynthia Farina, ao relacionar práticas estéticas com práticas pedagógicas, diz que algumas práticas estéticas podem afetar o que há de institucionalizado em nossa forma de ser: “A atenção às práticas estéticas poderia ajudar a pedagogia a problematizar e cuidar do que nos desestabiliza atualmente, não para estabilizá-lo ou reconduzi-lo, mas para experimentar com a produção de novas imagens e discursos na formação do sujeito”. (MOREIRA, 2008, p. 13).

Verifica-se que a estética da arte é uma ferramenta fundamental para a construção do pensamento crítico, pois escava sentidos que permanecem intrínsecos no sujeito. Por sua vez, as linguagens artísticas comunicam essa “descoberta”, essa sensibilidade capaz de transformar o aparelho psíquico. Pode-se dizer que a política do belo e do sensível interfere na personalidade, na dinâmica, e na constituição do sujeito. E é por meio dessa visibilidade que o ser humano recria sua singularidade, modifica sua realidade.

O “Projeto Dramatizando Nossa Arte” tinha como objetivo disponibilizar um espaço escolar onde as crianças pudessem ter a oportunidade de experienciar suas habilidades artísticas, seu potencial criativo através do teatro, jogos teatrais, jogos dramáticos. Em 2006, quando iniciei o projeto, observei certa resistência advinda dessa instituição de ensino. Era possível perceber que a arte não era considerada tão importante para a aprendizagem quanto às demais disciplinas do currículo. Segundo Almeida:

Arte, cinema, literatura, escrita, educação, algumas das coisas que aqui estarão presentes são ao mesmo tempo integrantes e excludentes. Quando se integram, perdem-se e transformam-se numa terceira – como numa batalha, a indefinição, a ambigüidade, a dúvida, a subjetividade, são fraquezas e levam a derrota (...). Mas o que é fraqueza na arte também é sua força: excluindo-se de outros lugares, ela pode voltar como uma espada crítica, ou indiferente, e desprezar os que a venceram. (1999, p.22).

Num primeiro momento, essa fala que destitui o valor da arte das práticas pedagógicas retrata a dinâmica política que se institui nas escolas. Tal abordagem que está vinculada a uma sociedade que comunica o exercício da ética do êxito, do consumo desenfreado e das perspectivas de mercado. Acredito que, se os profissionais da educação ampliarem seus olhares a uma nova concepção, eles estarão buscando um novo diálogo, assim como Lancri (2002, p.20), ao afirmar que “A arte nos faz entender certos aspectos que a Ciência não pode fazer”. Buscarei compreender e reforçar conceitos que encontrem na arte uma forma de conhecimento, por acreditar que deve-se considerar que as produções artísticas também podem enriquecer o nosso entendimento sobre as coisas. Em muitas situações, a experiência artística obriga-nos a contornar a nossa racionalidade com questionamentos complexos e profundos.

Em arte, a intuição é de importância fundamental, ela traz em grau de intensidade maior a impossibilidade de racionalização precisa. A arte não tem parâmetros lógicos de precisão matemática, não é mensurável, sendo grandemente produzida e assimilada por impulsos intuitivos; a arte é sentida e receptada, mas de difícil tradução para formas integralmente verbalizadas. Essas colocações, entretanto, não pretendem negar que a arte tenha, também, a sua parte racional. Os críticos, alguns artistas e teóricos da arte conseguem racionalizar e verbalizar uma parte do todo, mas a outra só pode ser produzida, transmitida e receptada por outra linguagem que não a verbal. (ZAMBONI, 2001, p.28).

Compreendo que a aprendizagem é um trabalho de reconstrução e apropriação do conhecimento. Ela se processa através das informações que são instituídas por outrem, que por sua vez, integram o saber. É através das relações que se constituem a ética, a ordem, e a política que vão proporcionar o reconhecimento da autoria no sujeito. Para Fernández (2001, p.42), “Cada pessoa vai construindo, ao longo de sua história, entrelaçando as experiências que lhe oferece o contexto social e cultural, não só sua inteligência e seus sistemas de conhecimento, mas também uma determinada modalidade de aprendizagem”. Percebe-se, portanto, que a criança vai se constituindo historicamente, a partir das práticas e concepções que são herdadas e transmitidas. Tais formulações, além de contribuírem na formação emocional-cognitiva de nossa estrutura psíquica, também estabelecem formas de encarar a vida, a si mesmo, e à sociedade. Em vista disso, para que não sejamos “aprisionados” a uma fórmula social, educacional e cultural, que tem por excelência a capacidade de subjetivar nosso pensamento, precisamos que se instaure em nós o desejo.

Mais uma vez, pergunto: “O que pode ser relevante para o sujeito desenvolver e por em prática o exercer de sua autoria?”. Primeiramente, precisa-se ter como base as significações do pensar. Por isso, é necessário estar inserido em um espaço que possibilite questionamentos, que coloque a psique em movimento. Nesse sentido, experienciar criatividade, sentimento e imaginação, é provocar o raciocínio, é promover a intuição.

De acordo com Fernández: (2001, p.63) “Uma grande falha de nossa educação refere-se à desqualificação do saber e ao endeusamento do conhecimento. Pode-se entender por que em determinados sistemas é conveniente que circulem os conhecimentos, mas não o poder de uso sobre eles”. Assim, a sociedade nos faz internalizar seus valores e crenças, de forma que nossa visão subjetiva evolua e se adapte de acordo com seus conceitos. Estamos acomodados a padrões e a “linguagens” pré-estabelecidas, sem questionar as mensagens que nos estão sendo transmitidas. Em conseqüência, nossa aprendizagem vai-se moldando a um modelo reproducionista, desprovido de autoria de pensamento. Diante desse contexto, o saber constitui-se sem desejo, já que é instituído com obrigatoriedade, sem ressignificar a experiência, o jogo, a espontaneidade.

Proficiência e aprendizado não advêm da disposição de ser ou escutar, mas da ação, do fazer, da experiência; o bom trabalho é mais freqüente resultado do esforço espontâneo e livre interesse, que da compulsão e aplicação forçada; e o meio natural do estudo, para a juventude, é o jogo. (COURTNEY, 1980, p.41).

Considero importante ressaltar que a escola deve se apropriar de novas concepções e métodos de ensino. Há muitas crianças que não conseguem atingir as metas que são estabelecidas por um currículo escolar rígido, fixo, compacto, cerrado. A dificuldade de estudar em um ambiente com um sistema autoritário, conteudista, divergente a sua realidade, muitas vezes pode desencorajar no jovem o interesse pelos estudos, desencadeando a evasão escolar. Por isso faz-se necessário que os educadores percebam que a aprendizagem acompanha sua época, sua contemporaneidade.

Defendo a idéia de que os jovens têm a necessidade de criar, experimentar o novo, logo precisam de um espaço que valorize suas habilidades e competências. Um espaço onde podem direcionar seu interesse através do despertar pela curiosidade, movidos pela criatividade, pela arte, e pela sensibilidade. Nessa perspectiva, as linguagens artísticas promovem uma nova modalidade de aprendizagem, através do jogo, da brincadeira, do faz-de-conta, da encenação. Isso faz com que o sujeito construa seu próprio conhecimento, comunicando sua singularidade, sentimento e expressão. Esta consigna vem a comprovar a significância, bem como a contribuição da arte na educação.

1.1 DA POSIÇÃO DO PROBLEMA

“De que modo a arte que circula, que é produzida ou apropriada pelos e nos ambientes educativos, pode tornar-se significativa na formação humana?”(Moreira e Fritzen, 2008, p.7). Esta pergunta, citada no livro “Educação e Arte – As Linguagens Artísticas na Formação Humana” traz uma inquietação muito semelhante a de meu objeto de pesquisa. Pois, em de 2006, quando obtive a oportunidade de por em prática o “Projeto Dramatizando Nossa Arte”, a proposta inicial se vinculava a dispor um espaço em que, tanto o jovem quanto a criança pudessem experimentar seu potencial criativo através do jogo dramático e teatral. Nesse principio, as aulas eram planejadas para que pudessem proporcionar um contexto lúdico, de aprendizagem e criação. O objetivo principal era demonstrar que na escola a arte tinha o seu valor.

No decorrer do projeto constatei que os alunos estavam identificando em si uma nova forma de pensamento, de ação e de comportamento. Houve diversos momentos em que os professores relataram que os estudantes estavam apresentando uma disponibilidade maior

referente às suas participações em sala de aula. Segundo o corpo docente, eles pareciam estar mais confiantes com relação ao seu conhecimento e aprendizagem. As vivências através da arte pareciam despertar uma aprendizagem reflexiva, repleta de sentidos e significados. Isso acabou garantindo um lugar que movimentou o agir, o fazer e o pensar. Houve uma troca de idéias, discursos e experiências, o que fez provocar a psique e a inteligência. Por meio dos elementos artísticos abordados, o sujeito passou a valorizar suas habilidades e competências, adquirindo um novo posicionamento em seu contexto escolar, social e pessoal. De acordo com Sara Paín (1998 apud FERNÁNDEZ, 2001, p.71):

Quando temos que devolver à criança a paixão de saber, é necessário desenlear não somente o simbólico do operatório, como temos insistido até aqui, mas também liberar a atitude estética quando está paralisada pelo pragmatismo e o desencanto e, mais ainda, neutralizá-la quando tende a girar no vazio.

As experiências descritas, as leituras e reflexões efetuadas conduzem-me as seguintes questões: A dinâmica do jogo dramático e teatral efetuada em 2006 refletiu de alguma forma na formação dos sujeitos que participaram do Projeto Dramatizando Nossa Arte? A experiência do Projeto Dramatizando Nossa Arte teve reflexos junto aos professores e ao espaço escolar? Quais? E finalmente: que sentidos o Projeto Dramatizando Nossa Arte (que trabalhou as habilidades artísticas, o potencial criativo, bem como a expressão lúdica e artística) produziu nos alunos e professores que dele participaram?

Na busca por subsídios que auxiliassem a refletir de forma mais aprofundada sobre essas inquietações, essa pesquisa procurou resgatar a representação, a simbologia, e a memória do trabalho que foi realizado com os jogos teatrais junto aquela instituição de ensino. Para compreender melhor a influência da arte, e mais especificamente, do teatro na formação humana, fez-se referência à abordagem teórica, e à análise das entrevistas, oficinas, diário de campo efetuados na escola.

1.2 DA ABORDAGEM METODOLÓGICA

Para elaborar a retomada de consciência, bem como explorar os sentidos que foram inseridos através do projeto “Dramatizando Nossa Arte”, foi necessário retornar à escola para contextualizar a relevância das linguagens teatrais na constituição do sujeito. Para registrar as novas falas, argumentos e discursos, fiz uso de entrevistas semi-estruturadas, diário de campo e uma oficina teatral organizada em três encontros de curta duração, com aproximadamente trinta minutos cada. A pesquisa se define como qualitativa e exploratória, pois além de envolver levantamento bibliográfico, e práticas empíricas que se relacionam com o problema pesquisado, ainda fornece possíveis formulações para estudos posteriores.

2 PROJETO DRAMATIZANDO NOSSA ARTE

Para o mundo concebido como um jardim, todas as atividades humanas – trabalho, ciência, política, arte – são meios para chegar ao fim, que é o jardim. Na origem dele está o jardineiro, aquele cujo pensamento – e sentimento – está pleno de jardins. Aqui está a criação, a autonomia, a autoria, a confiança em fazer o jardim fazendo-se jardineiro e ir-se fazendo jardineiro no exato momento em que se cria um jardim. Professores, alunos, pesquisadores, aulas e pesquisas... Qual o nosso jardim? Qual o fim que queremos construir sem o qual a ação é apenas mecânica, fruto de um senso de dever desumanizado? (MOREIRA, 2008, p.12).

Fazendo um paralelo com as palavras da autora, pode-se afirmar que o Projeto Dramatizando Nossa Arte buscou conceber seu jardim através da experiência com os jogos dramáticos e teatrais. Tudo começou no ano de 2004, em que comecei meu estágio de Pedagogia – Licenciatura Plena numa escola da Rede Particular de Ensino de Porto Alegre. Em meados deste ano, a escola tinha um grupo de teatro formado por seis alunos da sexta série do Ensino Fundamental. Estes jovens deveriam ensaiar um esquete teatral para apresentar no segundo semestre do ano letivo, juntamente com os demais alunos pertencentes de outras filiais da mesma Instituição de Ensino. Mas havia um problema, os alunos não tinham um professor de teatro que os auxiliasse a desenvolver o processo criativo. A estagiária de Pedagogia que tinha assumido esta função tinha encerrado o seu estágio. Assim, a professora de Educação Física ficou encarregada de ensaiar os estudantes para a realização do espetáculo, mas alguns obstáculos começaram a surgir. As crianças mostravam-se desmotivadas e descomprometidas, pois não estavam satisfeitas com as encenações de histórias prontas. Foi nesse momento que a direção da escola me convidou para trabalhar com o grupo, bem como auxiliar a professora de Educação Física. Nessa época eu já tinha conhecimento em teatro, devido a cursos de extensão e aperfeiçoamento.

Lembro-se até hoje da reação dos meninos e meninas, quando fui apresentada como a estagiária de Pedagogia que iria auxiliar as aulas do grupo de teatro. Quase todos exclamaram: “Nossa, ela é tão baixinha, parece que tem a nossa idade”. Naquele momento, eu suscitei a seriedade e a brincadeira que é fazer teatro. Durante dois meses trabalhávamos com exercícios de expressão corporal, expressão vocal, montagem de cenário, construção de ritmo e movimento, noções de espaço e tempo, entre outros. Também trabalhamos com textos dramáticos e criação de histórias. Com base nesses elementos artísticos escrevemos nosso esquete teatral, fazendo uma releitura dos “Três Mosqueteiros” - romance escrito por Alexandre Dumas - misturando personagens, cenas e falas de filmes diversos.

Já no ano seguinte, em 2005, deu-se continuidade a essa proposta com o grupo teatral. Porém com a repercussão do espetáculo na escola, o grupo aumentou para quinze

participantes, com alunos da quinta e sétima série do Ensino Fundamental. As aulas eram ministradas apenas no turno da tarde, por isso as crianças das séries iniciais não tinham a oportunidade de vivenciar a experiência.

Na época, o trabalho era voluntário. A professora de Educação Física havia mudado de escola, e apenas eu ministrava as aulas, coordenava os ensaios, as montagens de cena, e de cenário. A direção da escola ainda não apoiava a proposta, pois valorizava mais o ensino dos conteúdos e disciplinas formais. Estávamos com poucos “jardineiros”. Os professores também enxergavam o fazer teatral como passatempo, divertimento. Para “quebrar” esta idéia resolvi montar um espetáculo com os estudantes para apresentarmos à comunidade escolar. Era preciso expor os resultados. Como a escola tinha muitas crianças com necessidades educacionais especiais, o objetivo do grupo teatral era falar sobre a inclusão. Eles abordaram o assunto de uma forma livre, espontânea, criativa, para fazer o público pensar. O comprometimento, a atenção, a presença em cena dos “atores mirins” sensibilizou a comunidade escolar.

No ano de 2006 muitos pais e alunos de todas as séries do Ensino Fundamental foram me procurar para se informar sobre as aulas de teatro. Com essa iniciativa a escola solicitou que eu escrevesse todas as minhas idéias, objetivos, propostas em um papel, e montasse um projeto de teatro extraclasse para o corpo discente. Assim, iniciava-se em Abril de 2006 o Projeto Dramatizando Nossa Arte. Um espaço qualificado para a expressão lúdica e artística, cujos objetivos eram: trabalhar com teatro e educação, utilizando técnicas, dinâmicas e jogos teatrais; criar um espaço diferenciado e dinâmico, em que o faz-de-conta possibilita o desenvolvimento psicossocial, artístico e emocional, sem dar limites à imaginação; estimular a aprendizagem artística, emocional e motora, oportunizando a criatividade.

Em 2006 havia um projeto que dava sustentação, apoio teórico as aulas. Estas eram ministradas em turno inverso, duas vezes por semana com uma hora e meia de duração. Havia duas turmas, cada uma com dez alunos de diversas séries do Ensino Fundamental. Muitos tinham dificuldades de aprendizagem, como dislexia, hiperatividade e déficit de atenção, timidez acentuada, entre outras.

A metodologia, bem como o conteúdo das aulas, envolvia vivências relacionadas a teorias que integravam a arte e a educação, salientando o teatro, como ferramenta fundamental de elaboração e ação artística. Também eram planejadas montagens de esquetes teatrais, conforme o processo de aprendizagem do grupo. As abordagens teóricas enfatizavam a aplicação do teatro na escola, caracterizando-o dentro de um contexto que inclui a educação, mas que ao mesmo tempo não desmerece a arte pela arte. Atividades referentes aos jogos

teatrais, que trabalham a concentração, atenção, memorização, adequação da linguagem, entonação de voz, reconhecimento do tempo e do espaço, também eram utilizadas em sala de aula. Na medida em que se experimentava o fazer teatral, os alunos relatavam como esse processo repercutia em sua aprendizagem, bem como em seu comportamento, conduta escolar. Alguns afirmavam que as aulas de teatro auxiliavam inclusive em seu contexto familiar. Pois desenvolviam maior facilidade para comunicar e expressar suas idéias e discursos. Essas falas foram comprovadas pelos pais, que vinham confirmar a mudança que seus filhos estavam apresentando ao participarem do projeto.

Foi solicitado pela escola que apresentássemos um espetáculo no final do ano para demonstrar a prática e o estudo que eram realizados no Projeto Dramatizando Nossa Arte. Além das atividades que eram propostas, reservamos meia hora de cada aula para elaborar os ensaios. Estes eram coordenados por mim, mas as crianças tinham liberdade para criar e estruturar as cenas. Enquanto íamos ensaiando, com base nos jogos dramáticos e teatrais, fomos montando e construindo o texto dramático. Os alunos começaram a se sentir autores e atores de suas próprias produções. No dia do espetáculo a ansiedade era grande, pois o grupo nunca havia exposto suas criações para uma platéia. Toda a comunidade escolar compareceu para nos prestigiar. Durante a encenação os alunos “relaxaram” e mostraram o quanto desenvolveram seu potencial criativo. Isso possibilitou o reconhecimento de todos, o que provocou um novo olhar para o fazer dramático e teatral.

O que é que se encontra no início? O jardim ou o jardineiro? È o jardineiro. Havendo um jardineiro, mais cedo ou mais tarde um jardim aparecerá. Mas, havendo um jardim sem jardineiro, mais cedo ou mais tarde ele desaparecerá. O que é um jardineiro? Uma pessoa cujo pensamento está cheio de jardins. O que faz o jardim são os pensamentos do jardineiro. O que faz um povo são os pensamentos daqueles que o compõem. (ALVES, 2004, p.28).

Os alunos que pertenciam ao projeto Dramatizando Nossa Arte conseguiram construir o seu “jardim”. Eles adquirindo novas reflexões, movidas pela experiência estética, possibilitaram a valorização de sua arte, de sua autoria.

3 ESCAVANDO OS SENTIDOS: ANÁLISE DOS DADOS COLETADOS

3.1 COMPREENDENDO O DIÁRIO DE CAMPO

No primeiro dia em que fui visitar a escola, para explicitar sobre o significado da minha pesquisa, fui surpreendida por ex-alunos que reconheceram em mim a professora de teatro. A partir desse momento surgiram muitas dúvidas, curiosidades e questionamentos. Pois os poucos alunos que ainda estudavam na escola, e que haviam participado do projeto, estavam interessados em saber o porquê da minha visita. Ao explicar que o motivo da minha presença era devido ao projeto “Dramatizando Nossa Arte” a expectativa aumentou. Será que se retomaria o trabalho com os jogos teatrais? Com os olhares fixos, eles esperavam por uma resposta. Relatei que eu precisaria da colaboração de todos para uma pesquisa que estava por iniciar no Curso de Pós-Graduação (Especialização) de Pedagogia da Arte, na FAGED/UFRGS. Perguntei se eles gostariam de ser entrevistados, e que faríamos um grupo de conversas sobre a importância dos jogos teatrais na educação. Também salientei sobre a oportunidade de trabalharmos em cinco oficinas para relembrarmos a nossa arte que se constitui no ano de 2006. A proposta foi aceita tanto pelos alunos, como pelo corpo diretivo da escola. Em sua totalidade, foram realizados dez encontros com um pequeno grupo de oito alunos.

Inicialmente convidei os alunos a assistirem ao dvd da esquete teatral, escrita e apresentada por eles. Sendo que, para a elaboração da mesma, foram necessários muitos ensaios e conhecimentos advindos da experiência com os jogos teatrais. Durante a sessão, alguns comentários foram:

- Olha lá, nem pareço eu, como eu cresci, eu fiz teatro. (disse L, 13 anos)
- Tinha que ter muita paciência e dedicação para fazer esta cena. (disse B, 13 anos)
- Eu aprendi muitas coisas, agora não tenho medo de me expressar, viveria tudo outra vez. (disse N, 13 anos).

Percebe-se

- Era cansativo, mas muito divertido, a gente ria e aprendia ao mesmo tempo. (disse D, 12 anos).

Percebe-se, neste sentido, como o fazer teatral significa não somente a aprendizagem, mas também movimenta a atenção, o pensamento, a cognição, o riso e a criatividade. Para Gazzaniga e Heatherton (2005), a arte pode aprimorar o cérebro infantil, uma vez que a vivência em atividades artísticas, bem como a apreciação estética, gera um alto grau de

motivação, produzindo atenção sustentada e ativando diversos circuitos cognitivos no cérebro. Esse autor afirma que o teatro afeta positivamente a memória, já que a criança aprende a manipular grandes quantidades de informação semântica.

Esses autores enfatizam que as pessoas armazenam memória pelo significado. Por isso, quanto mais significativas forem as informações, as experiências, mais facilmente elas serão lembradas. Assim, a motivação produzida pelas linguagens artísticas possibilita o desenvolvimento do cérebro e também atua sobre a criatividade. Segundo Franken (1998, apud Gazzaniga e Heatherton, 2005, p.288), “Muitos comportamentos intrinsecamente motivados permitem que as pessoas expressem criatividade. Criatividade é a tendência a gerar idéias ou alternativas que podem ser úteis para resolver problemas, comunicar e entreter os outros e a nós mesmos”.

3.2 COMPREENDENDO AS ENTREVISTAS

Para compreender a significância dos jogos teatrais na aprendizagem, bem como fundamentar sua contribuição na constituição do sujeito, foram elaborados alguns questionamentos para o grupo de jovens que participou do “Projeto Dramatizando Nossa Arte”. Essas indagações foram expostas na roda de conversas, sendo que a fala dos alunos foi registrada em um gravador. Às vezes alguns integrantes do grupo não respondiam as perguntas. Os sujeitos entrevistados serão representados pelas iniciais de seus respectivos nomes.

3.2.1 Recapitulando memórias, episódios e lembranças

Observam-se as respostas concedidas à primeira questão da roda de conversas:

Você lembra das aulas de teatro que foram ministradas no ano de 2006? Caso a resposta seja afirmativa, diga o que você lembra.

Com relação à primeira indagação, todos os alunos responderam que lembravam das aulas de teatro que foram ministradas no ano de 2006. Já, especificando as recordações, as respostas foram as seguintes:

- Eu me lembro que nós ensaiávamos muito para fazer um lindo espetáculo. (disse B, 13 anos);

- Eu fazia um monte de coisas, eu decorava, falava, eu representava. (disse L, 13 anos)

- Eu me lembro dos jogos, das brincadeiras, dos nossos personagens. (disse Y, 13 anos).

- Eu me lembro que o teatro foi uma das coisas que me ensinou a ser mais dedicada. (NA, 11 anos);

Visualiza-se, através desses argumentos um retrato que significa a experiência, que demarca não somente a memória, como também a vida que traz uma bagagem, uma história. Relembrar as cenas que constituíram o fazer artístico, é reconhecer em si próprio a capacidade de ser autor, a habilidade de reconstituir o passado e reviver o lúdico, o sonho, a fantasia, o imaginável.

Na medida em que o sujeito passa a registrar sua criação artística, ele internaliza diversas linguagens. E isso, o possibilita a identificar a si próprio, posicionando seu pensamento, compartilhando suas sensações, seus sentimentos.

Registrar é reconhecer-se e compreender-se sujeito da história e da memória. É ver-se sujeito da linguagem e “construir um entendimento que possa ser compartilhado”. É deixar marcas - os diferentes sujeitos, imersos na linguagem, deixam marcas “de como pensam, sentem, agem e expressam-se” e, ao fazer isso, “falam de si e do outro”, reescrevendo a história que, uma vez reescrita, será sempre uma outra, diferente, com significação própria. Registrar é, ainda, dar visibilidade – as coisas existem precisamente porque, por meio dos registros, “tornam-se visíveis e, assim possíveis”. (LEITE, 2004, p.32-33).

Compartilhando com a idéia de Leite, acredito que a arte pode ressignificar a racionalidade do sujeito, possibilitando uma releitura de si mesmo. Por isso ela tem efeitos tão significativos na aprendizagem, porque ela proporciona essa descoberta. Ela faz com que o sujeito se conheça de forma mais psíquica e filosófica, para que ele possa orientar-se em sua formação humana. Portanto, tornar-se visível é admitir sua poética, é transgredir discursos institucionalizados, é arriscar-se para o inusitado. É dessa forma que vão se constituindo novos registros, e se produzindo novas inquietações. O ser humano precisa vivenciar diferentes obras, sonhos, inspirações, para poder preencher sua educação com cultura, conhecimento, crítica e reflexão. Segundo Arroyo (2000, p.169), “Nessa perspectiva, as obras são espelhos nos quais vemos o outro e a nós mesmos, pois aprendemos imitando, convivendo, revelando incertezas e inseguranças, trocando formas de viver e de ser, significados e cultura, conhecimentos e competência”.

3.2.2 Escavando marcas, sentidos e significados

Observam-se as respostas concedidas à segunda questão da roda de conversas:

O que mais marcou você nas aulas de teatro do ano de 2006?

- A felicidade de fazer aulas de teatro. (disse L, 13 anos);
- A nossa apresentação final, que sintetizou tudo o que nós aprendemos. (disse N, 13 anos);
- Fazer o personagem do bruxo, viver alguém do mal era muito difícil. (disse LO, 11 anos);
- O modo e as atitudes que tomávamos para fazer aulas, era preciso muito esforço e dedicação. (disse B, 13 anos);
- Nós aprendíamos brincando. (disse F, 12 anos).

O fazer teatral opera sobre o pensamento, visto que segundo Neves e Santiago (2009, p.43), “Percebe-se no jogo uma imitação da vida, uma cinética mimética, a enganar a própria vida”. O envolvimento com a produção artística insere novas formas de agir e de pensar, pois transforma conceitos e discursos presentes em nossa mente, nossa psique. Aventurar-se com a arte é experimentar sensações, é contestar nossos medos, proibições, é revelar nossos segredos, é desafiar nossas limitações. Aprender jogando, brincando é uma forma de construir o saber livre e espontaneamente. Os jogos teatrais se constituem de regras, todavia é possível recriá-las, transgredi-las, provocando novos olhares, novas leituras e reflexões. Se vivenciar a estética da arte é convocar o corpo a uma aprendizagem intensa, simbólica e significativa.

Arte. Essa linguagem de força estranha que ousa, se aventura a falar de tudo, do desconhecido, daquilo que é percebido pelos sentidos, materializando os sentimentos humanos ou os diferentes olhares que o ser humano pousa sobre as coisas. “Um bloco de sensações”, diz Deleuze. A provocação convoca o corpo – uma combinatória de experiências, informações, de leituras, de imaginações – que percebe, sente, pensa. Um corpo, que se deixa capturar, foge do encontro ou vive a experiência estética em sua intensidade. (MARTINS E PICOSQUE, 2006, p.53).

3.2.3 A relevância do fazer teatral

Observam-se as respostas concedidas à terceira pergunta da roda de conversas:

Fazer teatro no ano de 2006 foi importante para você? Caso a resposta seja afirmativa, justifique-a.

Todos os participantes do projeto responderam que fazer teatro neste ano foi muito importante. Vejamos o porquê?

- Foi importante pela experiência e pelo privilégio que isso vai me trazer na minha vida profissional. (disse B, 13 anos).
- Foi muito importante porque eu aprendi a representar. (disse L, 13 anos);

- Foi importante porque a gente aprendia muitas coisas. (disse N, 13 anos);

- Foi importante porque eu me tornei uma pessoa mais centrada, mais organizada e mais dedicada na minha vida. (disse NA, 11 anos);

E as linguagens expressivas têm essa capacidade de formar o ser humano? Elas conseguem construir conhecimentos e assim possibilitar aprendizagens? Parece que a necessidade de poder manifestar o potencial criativo traz sentidos e significados que justificam a relevância da arte na vida do sujeito. E é vivenciando o belo, o sensível, que o sujeito experimenta, faz uso de suas faculdades emocionais e cognitivas. Dessa forma, constituir-se esteticamente é possibilitar o encontro da sensibilidade com a razão. E isso auxilia o sujeito a elaborar um novo olhar sobre si mesmo. Há um conjunto de elementos que integram sua criatividade, inteligência e competência. É nessa perspectiva que se ressalta a viabilidade da experiência estética na aprendizagem. Os indivíduos passam a ter consciência de aspectos inerentes a seu próprio corpo. Contextualizam a plenitude de suas práticas e ações em suas próprias vidas.

Submeter-se a uma experiência concreta de teatro implica disponibilizar-se para vivenciar os processos oferecidos pelas etapas do aprendizado teatral. São eles, a descoberta do próprio corpo, capaz de produzir movimentos e sons; a descoberta e o experimento de seu potencial criativo; a atuação como vivência de pensamentos, emoções e ações do outro proposto para si (o personagem); e a exposição espetacular direcionada a uma platéia. Essas etapas são trabalhadas mediante jogos que estimulem o contato com o próprio corpo, favorecendo uma consciência do próprio espaço e do espaço do outro. (NEVES E SANTIAGO, 2009.p.75).

3.2.4 Para onde o teatro nos movimenta?

Observam-se as respostas concedidas à quarta e à quinta pergunta da roda de conversas, ambas se complementam.

Você costuma ir ao teatro? Se a resposta for positiva, cite o nome de uma peça teatral que tenha assistido recentemente, e escreva uma frase, falando sobre o que você achou dela.

- Sim. A última peça que eu vi foi o “Negrinho do Pastoreio”. Retrata os tempos de hoje e de antigamente, fala sobre a discriminação dos negros. Eu gostei muito, eu também sou afro-descendente. (disse B, 13 anos);

- Não, faz tempo que eu não vou. (disse Y, 13 anos);

- Sim. Eu fui com a escola, mas não lembro o nome da peça. (disse LO, 11 anos);

- Sim. Eu vi o Peter Pan. Achei muito legal, porque o Peter Pan voa pelo céu e faz muitos amigos. (disse L, 13 anos);

- Não, porque agora eu não tenho muito tempo, tenho mais compromissos, mais estudos. (disse N, 13 anos);

- Sim. A última peça de teatro que eu assisti foi “Primeiro as Damas”. Eu gostei muito, eu ri muito. (disse F, 12 anos).

Você participaria novamente do projeto “Dramatizando Nossa Arte”? Explique o porquê de sua resposta.

- Sim, eu participaria para aprender mais. (disse B, 13 anos);

- Sim, porque a minha paixão é representar. (disse L, 13 anos);

- Sim, porque gostaria de viver tudo de novo. (disse N, 13 anos);

- Sim, eu quero ser atriz quando eu crescer. (disse D, 12 anos);

- Sim, eu queria aparecer no teatro de novo. (disse Y, 13 anos);

- Sim, o teatro é uma forma de conhecimento. (disse NA, 11 anos);

- Sim, mas eu não sei dizer o porquê. (disse LO, 11 anos).

Por que será que alguns jovens responderam que não costumam ir ao teatro? Será que a escola traz alguma referência? Qual a política, a ética, a cultura que vem sendo internalizada?

Pensar o processo criador é refazer, recriar, transformar...É pensar um processo no qual mais importante do que saber as respostas dos problemas é saber formular perguntas, descobrir problemas. E esse processo criador não fica restrito ao campo da arte e da prática estética, pois está presente na nossa vida, no nosso trabalho e nas nossas relações. Cabe à escola, aos professores mediadores de cultura e aos diferentes espaços de produção cultural não só possibilitar, desenvolver e promover situações que envolvam a criação,mas desafiar, provocar, instigar o pensamento divergente e suas contradições, a sensibilidade, a busca de significado, a construção de novas relações. Pensar o processo criador é alimentar a relação significativa e inquieta com o conhecimento, que é construído na criação, na transformação e na recriação de hipóteses em constante movimento, como pulsão de vida. (FANTIN, 2008, p.44).

A resposta é provocar o pensamento, o institucionalizado. É encontrar nas artes uma ferramenta estética reflexiva, que “quebre” as barreiras das políticas didáticas. É saber despertar curiosidade nas aulas de português, física e matemática. É transcender os muros da escola, e abrir as “portas e janelas” para novas práticas, conceitos e discursos. É interagir com a vida, com o cotidiano, é descobrir novas cores, é resenhar novos planos. É ensinar com paixão, é aprender usando a sensibilidade, o cérebro, a razão. É saber adquirir uma diferente postura, é perguntar, questionar as regras, é assumir a sua cultura.

Para dar sentido à aprendizagem, é necessário despertar o desejo, valorizar as competências e trabalhar as habilidades do sujeito. Com a contemporaneidade, formam-se

novas ideologias, novas formas de pensar a pedagogia. A educação recebe suporte e conhecimento das artes, da filosofia, até das novas tecnologias. O aluno acompanha a sua época, ele almeja que o professor modifique a sua fala. Assim, os jovens e as crianças almejam um espaço para a sua expressão, pois necessitam expor sua criatividade, participar da educação. Muitas crianças apresentavam dificuldades de aprendizagem. Por isso, os jogos dramáticos e teatrais proporcionaram “marcas”, uma nova história, que fez existir no corpo, na mente, na memória uma diferenciada visão da realidade. E a arte tem esse poder de brincar com a nossa poética, com a nossa imaginação, é isso que nos permite criar um novo rumo, uma nova direção. Já que, cultivar sentidos “alimenta” nossa métrica, faz pensar nossa existência, nossa razão.

Por conseguinte, é importante que a escola oportunize espaços de criação, possibilitando a autoria do aluno. Por isso, que eu saliento a ação dos jogos dramáticos e teatrais. Pois, o sujeito se reconhece no brincar, jogar, e constitui uma forma diferenciada de enxergar a sua realidade. Ele busca a sua verdade, a sua concepção. Ele constrói assim, o direcionamento para o seu desenvolvimento, sua formação.

Para se apropriar de uma linguagem, é necessário entender, interpretar e atribuir sentido a ela, a fim de aprender a operar com seus códigos. E da mesma maneira que na escola existe espaço destinado à alfabetização na linguagem das palavras e dos textos orais e escritos, é preciso haver espaço para a formação estética nas linguagens da arte e das mídias como forma de compreensão do mundo, das culturas e de si próprio. (NEVES E SANTIAGO, 2009.p.45).

3.3 COMPREENDENDO AS OFICINAS: O CORPO QUE ENCENA E BRINCA

O jogo é uma forma natural de grupo que propicia o envolvimento e a liberdade pessoal necessários para a experiência. Os jogos desenvolvem as técnicas e habilidades pessoais necessárias para o jogo em si, através do próprio ato de jogar. As habilidades são desenvolvidas no próprio momento em que a pessoa está jogando, divertindo-se ao máximo e reconhecendo toda a estimulação que o jogo tem para oferecer – é este o exato momento em que ela está verdadeiramente aberta para recebê-las. (SPOLIN, 1992, p.4).

De acordo com Fernández (2001, p.71), “Jogar é tomar e não tomar a legalidade das coisas. Jogar é tomar e não tomar a realidade das coisas. Jogar é fazer a experiência de ser autor. É fazer a experiência profunda, trágica e maravilhosa de ser absolutamente diferente de todos os outros e, por sua vez, absolutamente semelhante a todos os outros”. É esse jogo com a arte, que torna possível o registro da experiência estética. À vista disso, o sujeito se permite por em cena suas potencialidades, reconhecendo sua prosa, sua visibilidade.

Para lembrar, bem como reviver as atividades que foram trabalhadas no projeto, fez-se a proposta de uma oficina. Esta foi dividida em três encontros, com aproximadamente trinta minutos de duração. Inicialmente, fazia-se a acolhida, para estabelecer algumas combinações. Posteriormente, fazia-se a intervenção com os jogos teatrais. E por fim, concluía-se com possíveis reflexões sobre o fazer dramático e teatral e suas respectivas contribuições no processo de aprendizagem, bem como na aquisição do conhecimento.

3.3.1 Relatando o primeiro encontro

Para a realização das oficinas foram utilizadas algumas atividades inscritas no livro de Viola Spolin intitulado “Jogos Teatrais na Sala de Aula”. Este livro também foi utilizado no ano de 2006 com a finalidade de trabalhar os jogos teatrais. Estes auxiliavam a desenvolver o processo criativo, bem como os elementos necessários para a construção da cena teatral. Com o objetivo de resgatar esta vivência, para análise do fazer teatral na formação humana, foram propostos os jogos que serão descritos a seguir:

Combinação Inicial: pensar sobre as transformações advindas da experiência de jogo.

Intervenção de jogo: Moldando o Espaço (Individual)

Objetivo: Descobrir como o espaço pode ser manipulado.

Foco: Em permitir que o espaço assuma uma forma como objeto.

Descrição: Cada jogador trabalha individualmente. O jogador focaliza e joga com a substância do espaço, movimentando-a com as mãos, braços e corpo todo. Sem forçar nada, o jogador permite que a substância do espaço assuma uma forma como objeto.

Notas: Os jogadores não devem ficar rígidos, movendo as mãos sem propósito no ar. O objeto só pode assumir uma forma quando os jogadores se envolvem com a substância do espaço dos pés à cabeça e se movimentam, fluindo com energia física total e trabalhando com o problema (SPOLIN, 2007, p.81).

Na oficina, os jogos com objetos no espaço oferecem uma orientação ideal para os jogadores e inúmeras oportunidades para permitir que emirjam sentimentos e pensamentos internos. Os objetos utilizados nesses jogos são feitos de espaço – a matéria que está à volta de todos nós. (SPOLIN, 2007, p.77).

Formulando reflexões:

Para este grupo de alunos está vivência possibilitou o brincar com o imaginário. Dessa forma, perceberam como é possível dar visibilidade as suas criações. Assim, concluíram que o

objeto no espaço é capaz de adquirir transformações, a partir de significados, sentidos internos que são inseridos. Para Spolin (2007, p.77), “Os objetos do espaço devem ser vistos como criações do eu interior individual em direção ao mundo visível. Alunos que criaram objetos no espaço irão descobrir que alcançar aquilo que é exterior é alcançar o que é interior”.

3.3.2 Relatando o segundo encontro

Combinação Inicial: pensar o que o fazer teatral nos comunica.

Intervenção de jogo: Caligrafia Grande (comunicar através de palavras)

Objetivo: Descobrir o poder de uma palavra ou frase.

Foco: Em escrever palavras tão grandes quanto possível.

Descrição: Utilizando um quadro-negro, cada jogador, um por um, procura preencher o quadro-negro com uma palavra ou frase de sua preferência.

Notas: Não se preocupe com a caligrafia ou ortografia nesse exercício. Aqueles jogadores que focam mais atentamente em uma palavra ou frase serão provavelmente os que irão soletrá-la ou distorce-la. Os jogadores são instruídos apenas a preencher um espaço o maior possível com a palavra ou frase (SPOLIN, 2007, p.163).

A maioria dos jogos teatrais exige diálogo. Mas o medo da comunicação verbal pode ser muito grande. Ao manter o foco em um jogo, o jogador não tem tempo para se preocupar com aprovação/desaprovação. Assim, quando estão trabalhando com o foco, as palavras de que necessitam irão aparecer. Eles não precisam pensar nelas. (SPOLIN, 2007, p.163).

Formulando reflexões:

Muitos alunos têm medo de expressar suas idéias, de colocar em cena seu potencial criativo. Isso muitas vezes passa despercebido pela escola, que estimula apenas a transmissão dos conteúdos formais. Mas, o aluno precisa comunicar sua fala, sem deter-se no erro ou no acerto. E, o jogo possibilita esta liberdade, pois os jovens conseguem compartilhar seus sons, seus discursos espontaneamente. Não há uma didática rígida, um engajamento, que limita a experiência. Em vista que, o fazer teatral prioriza a ação, o foco, o movimento.

3.3.3 Relatando o terceiro encontro

Combinação Inicial: pensar sobre a importância da intuição no processo de aprendizagem.

Intervenção de Jogo: Eu vou para a lua

Objetivo: desenvolver memória e observação.

Foco: em lembrar de uma série em seqüência.

Descrição: Grupos de dez a doze jogadores formam um círculo. Jogador diz: “Quando eu for à lua vou levar um baú (ou qualquer outro objeto)”. O segundo jogador diz: “Quando eu for à lua vou levar um baú e uma caixa de chapéu”. O terceiro jogador repete a frase até este ponto e acrescenta algo novo. Cada jogador repete a frase na seqüência correta e acrescenta algo. Se um jogador errar a seqüência ou esquecer algum item, ele sai do jogo. O jogo prossegue até que reste apenas um jogador.

Parte 2: A mesma estrutura do jogo acima (com uma nova série de objetos, se for desejado), porém, agora, cada jogador realiza uma ação com o objeto. O próximo jogador repete as ações do primeiro e acrescenta uma nova (SPOLIN, 2007, p.101).

A experiência nasce do contato direto com o ambiente, por meio de envolvimento orgânico com ele. Isto significa envolvimento em todos os níveis: intelectual, físico e intuitivo. A intuição, vital para a aprendizagem, é muitas vezes negligenciada. A intuição é considerada como sendo uma dotação ou uma força mística possuída pelos privilegiados somente, embora todos conheçamos momentos quando a resposta certa “surgiu do nada” ou “fizemos a coisa certa sem pensar”. Às vezes, em momentos como este, precipitados por uma crise, perigo ou choque, a pessoa transcende os limites daquilo que é familiar, corajosamente entra na área do desconhecido e libera por alguns momentos o gênio que tem dentro de si. O intuitivo só pode ser sentido no momento da espontaneidade, no momento em que somos libertos para nos relacionarmos e agirmos, envolvendo-nos com o mundo em constante movimento e transformação à nossa volta. (SPOLIN, 2007, p.31).

Formulando reflexões:

Como já foi dito anteriormente, é necessário considerar à intuição, e não somente a transmissão dos conteúdos formais. Visto que, o processo de aprendizagem do jovem e da criança está vinculado a sua experiência, bem como às vivências que se constituem através do seu organismo, do seu corpo. Porém, muitas vezes, a escola destitui o desejo, essa vontade que o sujeito tem de expor seu potencial criativo. Isso porque, ele está “preso” a um sistema, a uma ética pedagógica que prioriza tal comportamento didático, institucionalizado. Por isso, para o aluno transcender sua imaginação, e valorizar sua autoria de pensamento é preciso desenvolver, por em prática sua intuição. Logo, a escola precisa abrir espaços para este pensar, já que o aprender não articula apenas os aspectos cognitivos que envolvem o sujeito.

Fazer pensável nossa prática é um propósito comum de toda construção teórica; todavia, além disso, coincide com o próprio objeto da intervenção psicopedagógica, pois a psicopedagogia tem como propósito abrir *espaços objetivos e subjetivos de autoria de pensamento*; fazer pensável as situações, o que não é fácil, já que o pensamento não é somente produção cognitiva, mas é um entrelaçamento inteligência-desejo, dramatizado, representado, mostrado e produzido em um corpo. Por isso, muito mais importante que os conteúdos pensados é o espaço que possibilita fazer pensável um determinado conteúdo. Para esse lugar estaremos dirigindo nossa intervenção, nosso olhar. (FERNÁNDEZ, 2001, p.55).

Em vista das formulações que foram expostas anteriormente, percebe-se que as primeiras manifestações de autoria começam no brincar. Já que é brincando que a criança se reconhece inteiramente, revelando suas potencialidades, assim como seu conteúdo psíquico. Dentro deste contexto, pode-se inserir o jogo dramático, que também está vinculado à teoria do psicodrama, em que o jogo promove o lúdico e o dramático envolve as questões intrínsecas ao sujeito. Neste caso, o termo dramático, não está vinculado propriamente ao teatro e no desenvolvimento do papel do ator, mas na liberação da espontaneidade. Para Peter Slade (1978, apud Neves e Santiago, 2009, p.25), “O jogo dramático é capaz de promover uma liberação emocional e, assim fornece uma autodisciplina interna, como também se caracteriza por um fluxo de linguagem, um discurso espontâneo que é estimulado pela improvisação e enriquecido pela interpretação”. O psicodrama caracteriza o jogar/brincar que não é regulamentado, em que a criança é autora de sua imaginação em seu mundo de faz-de-conta. Assim, o brincar possibilita através da experiência lúdica um momento dinâmico, de ficção, que facilita e desenvolve a autonomia, o pensamento, a sensibilidade, a criatividade e a percepção.

O jogar-brincar espacializa e temporaliza os dramas a que está exposto o humano desde sua primeira infância. Estas duas operações, de espacializar e temporalizar, não se realizam só nem principalmente entre o sujeito e seu drama, mas também, no desenrolar do jogar-brincar, o próprio drama vai se lentificando e espacializando. Tais espaçamentos possibilitam a intervenção do pensar. (FERNÁNDEZ, 2001, p.71).

Nos primeiros anos de vida, a criança não tem construído os processos necessários para elaborar a imaginação. O bebê ainda não possui a aquisição da representação simbólica, pois seu contato com o mundo, se expressa através de uma linguagem gestual. A mãe interage com a criança através de mímicas, sons, caretas e gestos, que representam o interpretar do sujeito com o mundo. Já a criança de um ano e meio aos três anos, começa imitando a si própria, executando ações fora do seu contexto, como: “fingir que está dormindo” ou “comer de mentirinha”. Ela projeta no jogo as ações de seu cotidiano, pois não adquiriu ainda a capacidade de imaginar, reproduzindo apenas ações próximas a ela. Posteriormente, por volta dos três anos, na etapa simbólica, a criança passa a imitar modelos ausentes, ou seja, ela reproduz uma representação interiorizada, imaginada. É isso que caracteriza o caráter de ficção, elemento fundamental do jogo simbólico, em que a criança comunica e expressa os aspectos mais íntimos da sua personalidade na tentativa de interagir com o mundo adulto.

Através do jogo, a criança dinamiza as capacidades que decorrem de sua estrutura particular e realiza os potenciais virtuais que afloram sucessivamente à superfície de seu ser. Ela os assimila e os desenvolve, une-os e complica-os, em suma, coordena seu ser e lhe dá vigor. (REVERBEL 1997, p.35 apud NEVES E SANTIAGO, 2009, p.84).

Percebe-se, nesse sentido, que a função do jogo simbólico, está vinculada à assimilação da realidade, visto que a criança cria um mecanismo de auto-expressão, reproduzindo diferentes papéis e imitando situações da vida real. Ela dá novos significados aos objetos, fatos, pessoas e ações, buscando semelhanças às situações representadas. Por isso, que a partir dos três anos de idade, a criança é capaz de entender o faz-de-conta e usar processos mentais de forma representacional. Isso se caracteriza pela elaboração de cenas inteiras que vão ficando cada vez mais ricas e detalhadas. É nesta etapa, que a criança dedica longos momentos ao jogo solitário, criando monólogos e assumindo diferentes papéis. Verifica-se a importância do jogo dramático na formação humana, pois possibilita ao sujeito a capacidade de recriar e descobrir novas formas de atuação com o mundo e consigo mesmo. Todavia, e os jogos teatrais, como se contextualizam perante o desenvolvimento infantil? Posteriormente, à etapa do jogo simbólico, se observa a intenção de realismo, que vai caracterizar a fase dos quatro aos sete anos de idade, em que a criança tende a imitar modelos, figuras, que se aproximam do real. Ela vai procurar adaptar seus movimentos corporais, sua expressão vocal, bem como, a composição de cenários, para tentar reproduzir a realidade onde está inserida. Nota-se o surgimento do verdadeiro grupo de jogo, pois há uma maior diferenciação de papéis, devido à capacidade de organização e do aprimoramento das imitações. Neste estágio, o sujeito inicia um processo de reconhecimento de si mesmo, pois vincula seus sentimentos, suas ações a situações que estão presentes em seu cotidiano. Passa a socializar seu conhecimento, sua autoria, expressando diferentes posicionamentos com relação ao mundo e a si próprio.

As artes, entendidas como processo de representação simbólica para a comunicação do pensamento e dos sentimentos humanos, representam enorme valor e significam grande importância na formação do educando. Essa concepção possibilitou se pensar o teatro na educação, não apenas como um instrumento ou método utilizado no ensino de conteúdos extrateatrais, tampouco disciplina voltada para a formação de artistas, mas o teatro, sim, como atividade educativa focada no domínio, na fluência e compreensão estética das complexas formas humanas de expressão que movimentam processos afetivos, cognitivos e psicomotores. (NEVES E SANTIAGO, 2009, p.31).

Já, no simbolismo coletivo, que é mais determinante por volta dos sete anos, pode-se perceber uma representação de caráter mais teatral. Nesta fase, as crianças sentem a necessidade de apresentar suas cenas a uma platéia, pois querem comunicar suas montagens de uma forma mais clara e objetiva. É nessa perspectiva que se salienta a transição do jogo

dramático para o jogo teatral. Por quê? Acredito que, há um momento, em seu desenvolvimento psíquico, lúdico e corporal, que o sujeito sente a falta de expor e trabalhar seu potencial criativo. Assim, o fazer teatral, a experiência premeditada pelo jogo oferecem subsídios que possibilitam o despertar da expressão artística. Na medida em que, viabiliza-se nesta forma de jogar, brincar com o corpo, viabiliza-se uma pedagogia que dá iniciativa ao sujeito, para que ele possa constituir-se criativa e culturalmente.

Importante meio de comunicação e expressão que articula aspectos plásticos, audiovisuais, musicais e lingüísticos em sua especificidade estética, o teatro passou a ser reconhecido como forma de conhecimento capaz de mobilizar, coordenando-as, as dimensões sensório-motora, simbólica, afetiva e cognitiva do educando, tornando-se útil na compreensão crítica da realidade humana. (JAPIASSU, 2001, p.22, apud NEVES E SANTIAGO, 2009, p.31).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta pesquisa tentou demarcar que o fazer artístico cria possibilidades para se “pintar uma nova aquarela” e assim, descobrir “novas janelas”, nascentes de novas idéias e concepções.

Parece tão simples e poético, frente a uma política-ideológica que destitui o valor, sentimento estético. Todavia, não é suficiente apenas formular princípios e inquietações. É necessário inserir coragem e ações, para transformar as políticas pedagógicas vigentes. Pois, como já foi dito anteriormente, o sujeito é constituído físico, moral, social, emocional e culturalmente.

É importante abrir espaços para novas atuações, modelos e reflexões. Diante desta perspectiva, pensa-se: “Como a arte, o fazer teatral podem ressignificar a atitude, o comportamento do sujeito para uma aprendizagem estética e reflexiva?”

A arte é um modo de ver e dizer de si e do mundo. Constituída de imagens – sonoras, visuais, poéticas, corporais... -, ela mobiliza afeto, pesquisa, cognição, imaginação, intuição, percepção, reflexão; ela abraça o feio, o bonito, prazer, desprazer, inveja, medo, egoísmo, alegria, estranhamento; portanto, é repleta de emoções e contradições. A obra de arte se abre para o outro e a possibilidade de participar dela dá, ao sujeito, a chance de ver-se como ser integral. O contato com a Arte transforma, faz ligação, constrói. Como linguagem, ela opera através das cores, formas, linhas, volumes, sons, movimentos... e precisa de um tempo e de espaços próprios; é cheia de mistérios que revela, desvela e oculta. (FLORES et al, 2005, p.1 apud HONORATO, 2008, p.111).

Percebi como a vivência artística possibilita a autoria do sujeito, permitindo que ele constitua um novo olhar, uma nova representação de si mesmo. E é isso, que integra uma nova forma de pensar, uma nova concepção de mundo. A arte nos liberta de todos os tabus e preceitos que foram inseridos em nosso inconsciente. Ela nos faz “quebrar barreiras” e preconceitos, bem como nos dá a oportunidade de estruturar, colorir, movimentar, nossa vida e nossa história do nosso próprio jeito.

As expressões artísticas caracterizam a mudança, o diferente, o estranho, a mistura. Pois, elas integram as qualidades aos defeitos, as imperfeições ao perfeito. Elas não se detêm no direito, na política do certo ou errado. Embora nos encorajem a crítica, se porventura nos encontramos insatisfeitos frente a tantos conceitos padronizados.

Portanto, a arte por ser espontânea em suas ferramentas de expressão, não condiciona o pensamento, a sensibilidade, ou a razão. A atitude e a experiência estética não se adaptariam as “conveniências de uma prisão”. O ser que se constitui artisticamente vive da poesia, da liberdade, da intuição.

Penso que, os elementos artísticos buscam essa junção entre realidade, sonho e imaginação. E é através dessas brincadeiras, encenações e imagens, que o sujeito procura suas verdades para construir sua identidade. A arte é uma linguagem culturalmente produzida, porque ela nos permite inspirar novos contextos, espaços e saídas. Na medida em que, gerencia um outro direcionamento para o processo de ensino e aprendizagem, se constitui uma influência na formação do sujeito, em sua personalidade. Considerando que, há uma práxis transformadora que incentiva e dinamiza o potencial criativo. É em vista dessa flexibilidade, dessa deliberação da criatividade, que o fazer teatral ressignifica a memória, a trajetória dos alunos que participaram do projeto “Dramatizando Nossa Arte”.

Baseados em uma visão crítica e compreensiva dos caminhos da arte contemporânea, com suas trajetórias e transformações, podemos entender como hoje ela abrange as artes tradicionais conhecidas (pintura, escultura, arquitetura, poesia, música, teatro e dança) e também as atividades não consagradas pelas belas artes, como as expressões visuais e musicais nas manifestações políticas, nos aspectos da vida cotidiana e também nas mídias. A arte, então, deixa de ser concebida apenas como um campo diferenciado da atividade social e passa a ser, também, um modo de praticar a cultura. Ela abrange as atividades ou os aspectos de atividades de uma cultura em que o sensível e o imaginário são trabalhados, objetivando alcançar o prazer e desenvolver a identidade simbólica de um povo ou uma classe social, visando a uma práxis transformadora. (FANTIN, 2008, p.45).

A partir das discussões que foram abordadas nessa pesquisa, ainda permanecem algumas inquietações. Verifica-se a relevância do discurso, bem como da atuação artística na constituição do sujeito, porém até que ponto os profissionais da educação fazem essa mediação?

. Não seria então necessário oportunizar novos diálogos, e oferecer diferentes narrativas, que ampliassem o fazer docente? Como ressignificar o ver e fazer dos professores através da arte? Compreende-se que as produções artísticas circulam pelos corredores das escolas, e que causam “impactos”, quando o sujeito se apropria delas. Quanto o professor acredita nisso e faz uso desta proposta? Permanece a consigna para uma análise científica mais aprofundada.

Ampliar olhares, escutas e movimentos sensíveis, despertar linguagens adormecidas, acionar esferas diferenciadas de conhecimento, mexer corpo e alma, diluindo falsas dicotomias entre corpo e mente, ciência e arte, afetividade e cognição, realidade e fantasia. (OSTETTO E LEITE, 2004, p.8).

Em vista de tudo que foi exposto anteriormente, almeja-se com este trabalho expor argumentos, que demonstram que através das linguagens artísticas, o sujeito constrói um reconhecimento sobre si mesmo, o que possibilita e cria uma nova perspectiva para a aquisição do saber.

Situando a minha prática de pesquisa, tanto as crianças, como os jovens iniciaram um processo de apreciação estética, o que as fez pensar, refletir sobre seu “eu” interior. Através do jogo teatral, os alunos começaram a se perceber de forma diferenciada em seu contexto escolar, social e pessoal. A partir de uma apreciação estética, advinda do teatro, procedeu-se uma provocação interna, por meio das linguagens artísticas que estavam sendo encenadas. Por conseqüência, estava se construindo uma aprendizagem reflexiva, repleta de sentidos e significados. As crianças além de estarem desenvolvendo seu potencial criativo, também passaram a adquirir um novo olhar sobre sua forma de ser, agir e pensar. A realidade foi transformada, reinventada, diante de um novo contexto, lúdico, artístico, dinâmico e integrador.

Verifico que a estética da arte é percebida externamente por sentidos, que expressam conteúdos afetivos intrinsecamente. Há uma linguagem artística sendo transmitida, que gera sensibilidade, que transforma a psique. É através do belo, que se reconstitui a personalidade. A partir dessa visibilidade, o ser humano recria sua singularidade, modifica sua realidade.

Essas questões foram confirmadas durante o andamento do projeto no ano de 2006. Visto que, as crianças começaram a manifestar por relatos as possíveis mudanças que a vivência teatral estaria por significar em sua aprendizagem e ambiente escolar.

A inteligência não se constrói no vazio: ela se nutre da experiência de prazer pela autoria. Por sua vez, nas próprias experiências de aprendizagem, o sujeito vai construindo a *autoria de pensamento* e o reconhecimento de que é capaz de transformar a realidade e a si mesmo. É sobre a dramática do sujeito, com o suporte das significações, que a inteligência trabalha. (FERNÁNDEZ, 2001, p.82).

Todavia, averigüei que ainda há uma resistência com relação às linguagens artísticas na formação humana. Visto que, a escola prioriza em seu currículo somente as disciplinas “ditas” principais para a aquisição do conhecimento, como matemática, português, entre outras. Não se valoriza a competência, bem como a inteligência que o sujeito traz consigo, pois as exigências escolares se limitam apenas ao estudo dessas ciências. O aluno passa a internalizar valores e paradigmas de uma sociedade que dá prioridade à ética do êxito. Ou seja, estamos sendo submetidos e acostumados a padrões e “linguagens” pré-estabelecidas, sem questionar as mensagens que nos estão sendo transmitidas. Em conseqüência, nossa aprendizagem vai-se moldando a um modelo reproducionista, desprovido de autoria de pensamento. Esse método de transmitir e efetuar o ensino e a aprendizagem na perspectiva de nossa atualidade caracteriza a ética do êxito, que está vinculada ao acerto e ao erro. Se “eu” subjetivar “corretamente”, os conteúdos que o professor está me transmitindo, “eu sou um vencedor”, eu passo de ano, do contrário permaneço rotulado ao fracasso escolar. Não há a

participação necessária em toda cena de aprendizagem na relação ensinante/aprendente. Não se permite a oportunidade do sujeito reconhecer e expressar seu saber. A inteligência permanece aprisionada, pois não se exerce a experiência de prazer pela autoria.

A crise da modernidade fez com que a arte do século XX olhasse a experiência do sujeito com outros olhos. A condição física do seu “estar no mundo” assumia uma nova evidência que requeria ser analisada. Foi inevitável que a filosofia e a arte assumissem a experiência do sujeito como algo que passa necessariamente pelo corpo e não só pela consciência. A formação do corpo passa a assumir um lugar destacado nesses novos posicionamentos. A arte moderna ensaia com uma multiplicidade de corpos: o corpo degradado, ensamblado, impossível, o corpo dinâmico, participante, até chegar às práticas estéticas mutantes, pós-humanas, incertas, da pós-modernidade. A assimilação da arte pelo corpo do artista nas vanguardas supôs a assimilação da sua experimentação pela arte. Arte, corpo e subjetividade: uma relação que marca a complexidade da experiência estética, ética e política da atualidade. (FARINA, 2008, p.95).

Compreendo que as expressões artísticas, referentes ao teatro, jogo dramático e teatral trabalham com uma aprendizagem advinda da experiência com o corpo, que oportuniza uma vivência estética capaz de provocar sentimentos e reflexões. Esta dinâmica implica em demonstrar a subjetividade que demanda do sujeito, num jogo de experimentações, movimentos, acertos e erros possíveis. É uma política que transcende a pedagogia formal, que se limita a nos subjetivar ao poder disciplinar. Segundo Foucault (apud Hall 2003), “O poder disciplinar está preocupado, em primeiro lugar, com a regulação, a vigilância e o governo da espécie humana ou de populações inteiras e, em segundo lugar, do indivíduo e do corpo”.

Por isso, é fundamental que a escola, reveja seus métodos e trabalhe a significação do pensar. Pois, é através da autoria de pensamento, que o sujeito exerce sua capacidade de escolha, bem como de diferenciação. Dessa forma, torna pensável a sua experiência e reflete mais sobre o objeto de conhecimento, constituindo seu saber e sua cultura.

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, Milton José de. *Cinema: Arte da memória*. Campinas: Autores Associados, 1999.
- ALVES, Rubem. *Entre a ciência e a sapiência: O dilema da educação*. São Paulo: Loyola, 2004.
- ARROYO, Miguel. *Ofício de mestre: Imagens e auto-imagens*. São Paulo> Cortez, 2000.
- COURTNEY, Richard. *Jogo, teatro e pensamento: As bases intelectuais do teatro na educação*. São Paulo: Perspectiva, 1980.
- FANTIN, Mônica. O processo criador e o cinema na educação de crianças. In: MOREIRA, Janine; FRITZEN, Celdon (Org.). *Educação e Arte: As linguagens artísticas na formação humana*. Campinas, SP: Papyrus, 2008. P. 37-65.
- FARINA, Cynthia. Formação estética e estética da formação. In: MOREIRA, Janine; FRITZEN, Celdon (Org.). *Educação e Arte: As linguagens artísticas na formação humana*. Campinas, SP: Papyrus, 2008. P.95-107.
- FERNÁNDEZ, Alicia. *O saber em jogo: A psicopedagogia propiciando autorias de pensamento*. Porto Alegre: Artmed, 2001.
- GAZZANIGA, Michael S e HEATHERTON, Todd F [trad. Maria Adriana Veríssimo Veronese]. *Ciência Psicológica: Mente, Cérebro e Comportamento*. Porto Alegre: Artmed, 2005.
- HALL, Stuart. *Nascimento e morte do sujeito moderno*. In:_. *A identidade cultural na pós-modernidade*. RJ: DP&A, 2003.
- HONORATO, Aurélia Regina. A Formação de Professores Ressignificada nos Espaços de Narrativa. In: MOREIRA, Janine; FRITZEN, Celdon (Org.). *Educação e Arte: As linguagens artísticas na formação humana*. Campinas, SP: Papyrus, 2008. P. 109-118.
- LANCRI, Jean. Colóquio sobre a metodologia da pesquisa em artes plásticas na universidade. In: BRITTES, Bianca e TESSLER, Edida. *O meio como ponto zero: Metodologia de pesquisa em artes plásticas*. Porto Alegre: Ed. Da UFRGS, 2002. P.15-34.
- LEITE, Maria Isabel. Linguagens e autoria: Registro, cotidiano e expressão. In: OSTETTO, Luciana Esmeralda e LEITE, Maria Isabel. *Arte, infância e formação de professores: Autoria e transgressão*. Campinas: Papyrus, 2004. P.25-40.
- MARTINS, Mirian Celeste e PICOSQUE, Gisa. Professor-escavador de sentidos. In: CHRISTOV, Luiza Helena e MATTOS, Simone Ap. Ribeiro de (Org.). *Arte Educação: Experiências, questões e possibilidades*. São Paulo: Expressão e Arte Editora, 2006. P. 53-62.
- MOREIRA, Janine. A ciência da universidade e a estética, a poesia, a sapiência da vida: o lugar da pesquisa como criação. In: MOREIRA, Janine; FRITZEN, Celdon (Org.). *Educação e Arte: As linguagens artísticas na formação humana*. Campinas, SP: Papyrus, 2008. P. 11-26.

NEVES, Libéria Rodrigues e SANTIAGO, Ana Lydia Bezerra. *O uso dos jogos teatrais na educação: Possibilidades diante do fracasso escolar*. Campinas, SP: Papirus, 2009.

OSTETTO, Luciana Esmeralda e LEITE, Maria Isabel. *Arte, infância e formação de professores: Autoria e transgressão*. Campinas: Papirus, 2004.

SPOLIN, Viola. *Jogos teatrais para a sala de aula: um manual para o professor*. [tradução Ingrid Dormien Koudela]. São Paulo: Perspectiva, 2007.

ZAMBONI, Silvio. *A pesquisa em arte: Um paralelo entre arte e ciência*. Campinas: Autores Associados, 2001.

ANEXOS

(ROTEIRO DAS ENTREVISTAS)

Nome: (opcional)

Série:.....

Idade:.....

1. Você lembra das aulas de teatro que foram ministradas no ano de 2006?

() Sim () Não

- Caso a resposta seja sim, diga o que você lembra:

.....
.....
.....

2. O que mais marcou você nas aulas de teatro do ano de 2006?

.....
.....
.....

3. Fazer teatro no ano de 2006 foi importante pra você?

() Sim () Não

- Caso a resposta seja sim, diga o porquê da sua resposta:

.....
.....
.....

4. Você costuma ir ao teatro?

() Sim () Não

- Se a resposta for sim, cite o nome de uma peça que você tenha assistido recentemente e escreva uma frase, falando sobre o que você achou da peça:

.....
.....

5. Você faz ou faria teatro novamente?

() Sim () Não

- Se a resposta for sim, diga o porquê de sua resposta:

.....